

Cadernos **IHU** *ideias*



JESUÍTAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 18 • nº 299 • vol. 18 • 2020



Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver

Wallace Antonio Dias Silva



Cadernos
IHU *ideias*

**Efeito covid-19:
espaço liso e Bem Viver**

Wallace Antonio Dias Silva

Especialista e Mestre em Direito do Trabalho - PUC-SP

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 18 • nº 299 • vol. 18 • 2020



Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: Pedro Gilberto Gomes, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XVIII – Nº 299 – V. 18 – 2020

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: Bel. Guilherme Tenher

Imagem da capa: Arte IHU

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Ricardo Machado

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- . v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

EFEITO COVID-19 - ESPAÇO LISO E BEM VIVER

Wallace Antonio Dias Silva

Advogado e pesquisador acadêmico.
Especialista e Mestre em Direito do Trabalho - PUC-SP.

Introdução

O mundo se debruça sobre os efeitos que a COVID-19 causará na sociedade. Filósofos buscam a compreensão sobre quais condições viabilizaram uma propagação tão rápida e ofensiva do vírus e, na sequência, após o fim da pandemia, quais caminhos o mundo irá trilhar.

A atual situação de hipercapitalismo, hipertecnização, hiperindivualização e hiperconsumo, conforme Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, promove mudanças irreversíveis na sociedade¹. Pensamento partilhado por Milton Santos que, ao descrever os efeitos da globalização, aponta que esta modificou a cognoscibilidade do planeta ao alterar – pelas novas técnicas – as relações sociais, econômicas, morais e culturais².

Características que ensejam a consideração de Noam Chomsky de que “estamos correndo para o desastre, algo muito pior que qualquer coisa que já aconteceu na história da humanidade (...) ameaça da guerra

-
- 1 LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 32.
 - 2 SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 68.

nuclear, a ameaça do aquecimento global e a deterioração da democracia”³ e de Ulrich Beck de um “novo paradigma da sociedade de risco”⁴.

São estes novos paradigmas de um mundo globalmente conectado tanto virtual quando fisicamente, maculado pela destruição do meio ambiente e pela disparidade gritante de renda que ensejaram a propagação planetária tão rápida e intensa de COVID-19.

Diante desta constatação, analisam-se as possíveis realidades pós-pandemia (extremas e opostas) indicadas por Slavoj Žižek e Byung-Chul Han para, na sequência, adentrar nas noções de axiomatização capitalista e de espaço liso experimentadas por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

De posse do contexto pós-pandemia da COVID-19 e dos conceitos filosóficos estudados, em conclusão propositiva, sugere-se que a comunicação na presente revolução informacional pode ser utilizada como máquina de guerra contra o sistema capitalista para criação de espaços lisos e, conseqüentemente, para o surgimento de alternativas sistêmicas, sendo, neste último aspecto, proposto o Bem Viver como uma das mais viáveis opções.

1. Futuros extremos - pensamento de Slavoj Žižek e de Byung-Chul Han

As proposições para o futuro pós-pandemia da COVID-19 são dos mais diversos tipos e correntes, optando-se, no presente debate, por vincular as dos filósofos contemporâneos Slavoj Žižek e Byung-Chul Han, que representam posições opostas e extremas, em comparação entre si, sobre o amanhã.

Para Slavoj Žižek a COVID-19 viabiliza o pensamento de alternativas para a sociedade, em “possibilidades para além do Estado-nação, e que se atualizam nas formas de cooperação e solidariedade globais”⁵. Considera que a pandemia da COVID-19 enseja uma nova solidariedade global que decorre da percepção dos povos das insignificâncias das pe-

3 CHOMSKY, Noam. Chomsky e a viabilidade da espécie humana. Entrevista. Dossier Sul, 2020. São Paulo, 2020. Disponível em: <<http://dossiersul.com.br/chomsky-e-a-viabilidade-da-especie-humana>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

4 BECK, Ulrich. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 24.

5 Žižek, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do viral. Tradução de Artur Renzo. Suplemento Pernambuco, 2020. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://suplementopernambuco.com.br/artigos/2442-slavoj-%C5%BEi%C5%BEek-bem-vindo-ao-deserto-do-viral-2.html>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

quenas diferenças entre si em comparação com os efeitos catastróficos do vírus.

De forma otimista, em tese, o vírus teria o poder de fazer surgir novas reflexões para se repensar as características da sociedade (capitalista) atual, especialmente o poder do “mercado” sobre a política, evidenciando a “necessidade urgente de reorganizarmos nossa economia global de modo a não a deixar mais à mercê dos mecanismos de mercado”⁶.

Já para Byung-Chul Han, em sentido oposto, o mundo ocidental passa por um momento em que “imperava um individualismo”⁷ no qual há “excesso de positividade, que se expressa como excesso de rendimento, excesso de produção e excesso de comunicação”⁸, características que, em vez de promoverem uma possível revolução ou implosão do sistema capitalista no momento pós-pandemia, possibilitam a instauração ainda mais intensa do neoliberalismo e de regimes de exceção com regimes policialescos.

Trata-se de pensamentos que demonstram, se não projeções extremas de otimismo ou de pessimismo sobre o possível futuro pós-pandemia, ao menos, realidades opostas que podem servir de norte para a provocação em debate. Isto porque, em razão da axiomatização promovida pelo capitalismo, sobretudo pelo domínio do neoliberalismo na política, haverá integração de todos descritos questionamentos ao próprio sistema: de forma excludente nos Estados com governantes autoritários e includente naqueles com governantes sociais-democratas. Não haverá implosão do capitalismo e nem Estado autoritário permanente. As mudanças que certamente ocorrerão serão absorvidas pelo sistema capitalista.

Sugere-se, contudo, que uma das possíveis alternativas palpáveis é, em razão da constante dialética e pelo intercâmbio da experimentação de Deleuze e Guattari com a filosofia do Bem Viver de Alberto Acosta, o surgimento (ou embrião) de novas subjetividades sob o manto da coletividade, em vista da criação de um novo sistema que ocupe e propague um espaço liso e independente na franja do capitalismo para, ao fim e ao cabo, ocupar o seu espaço definitivamente.

6 Ibid. idem.

7 HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han. *El País*, 2020. São Paulo, 2020. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofista-byung-chul-han.html>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

8 Ibid. idem.

2. Axiomatização e espaço liso

O capitalismo axiomatiza tudo aquilo que for distinto do seu próprio código de fluxos, tanto para albergar e impedir que práticas distintas de si consigam se propagar com sucesso na sociedade quanto para se renovar como sistema. À medida que surgem ações novas fora ou contrárias ao capitalismo, este último se adequa para incluí-las em si mesmo.

O reconhecimento do proletariado como classe, a garantia de uma jornada fixa de trabalho ou um salário mínimo por categorias representam exemplos clássicos da codificação/axiomatização capitalista. A partir do momento em que não foi mais possível conviver em oposição aos descritos fluxos descodificados, o sistema tratou de fagocitar as divergências existentes para manutenção do *status quo*.

Ou seja, se em um primeiro momento existe uma “simples” repressão e aniquilamento dos corpos estranhos, em um segundo, na hipótese de o aparelho repressivo ser efetivo, passa-se à recodificação com o surgimento de novos axiomas para normalização da situação e dos fluxos de desejo:

O capitalismo é - como veremos - a única máquina social que se construiu sobre fluxos descodificados, substituindo os códigos intrínsecos por uma axiomática das quantidades abstractas em forma de moeda. Portanto, o capitalismo liberta os fluxos do desejo, mas nas condições sociais que definem o seu limite e a possibilidade da sua própria dissolução, de modo que contraria constantemente com todas as suas desesperadas forças o movimento que o impele para este limite. No limite do capitalismo o socius desterritorializado é substituído pelo corpo sem órgãos, e os fluxos descodificados precipitam-se na produção desejante⁹.

O processo de axiomatização atua no momento posterior ao surgimento de novos fluxos descodificados “exatamente porque, se o capitalismo depende dos fluxos de descodificação do desejo para existir, são estes que mais o ameaçam”¹⁰.

Em suma, ao mesmo tempo que o sistema capitalista cria barreiras para o surgimento de pensamentos e inovações antissistêmicas, quando percebe que estes últimos podem ser uma efetiva ameaça para si, os incorpora e os tornam parte do próprio capitalismo. Exemplos práticos não faltam, além dos acima citados relacionados à legislação trabalhista,

9 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-édipo. Capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carilho. 403 ed. Lisboa: 2004, p. 143.

10 GUÉRON, Rodrigo. A axiomática capitalista segundo Deleuze e Guattari. De Marx a Nietzsche, de Nietzsche a Marx. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 29, n. 46, p. 257-282, jan.-abr., 2017, p. 265.

pode-se mencionar a produção orgânica de alimentos que, de um pensamento voltado à preservação do meio ambiente, consumo inteligente, saudável e acessível, foi axiomatizada pelo capital e passou a ser um mercado com preços elevadíssimos, antidemocrático e excludente. Ou o turismo ecológico que, após a axiomatização, em diversas regiões, gentrificou o local e ensejou o aparecimento de verdadeiros *resorts* e conglomerados turísticos.

Por esta característica de axiomatização, para que os fluxos descofinados de desejos não sejam cooptados pelo capitalismo, o desejo em si deve surgir e se desenvolver em um espaço liso, conceito a seguir brevemente analisado.

Ao comentar sobre a obra de Pierre Clastres, Gilles Deleuze e Félix Guattari descrevem, quanto à diferenciação entre as sociedades primitivas segmentárias e o Estado (Moderno), que não existe uma existência oposta entre os mesmos, mas uma coexistência. Assim, não procede o postulado evolucionista que o “Estado seja o produto de um desenvolvimento econômico determinável”¹¹, nem “se explica por um desenvolvimento das forças produtivas, nem por uma diferenciação das forças políticas”¹².

O reflexo desta contextualidade no campo social é que coexistem com o Estado organizações paralelas e que não se confundem com a instituição estatal. Em uma verdadeira simbiose, as formas não estatais existem “num campo perpétuo de interação” no qual há uma metamorfose constante e binária entre a “exterioridade e a interioridade, as máquinas de guerra de metamorfose e os aparelhos identitários de Estado, os bandos e os reinos, as megamáquinas e os impérios”¹³. Essas formas se expressam:

[...] tanto numa inovação industrial como numa invenção tecnológica, num circuito comercial, numa criação religiosa, em todos esses fluxos e correntes que não se deixam apropriar pelos Estados senão secundariamente [...]¹⁴.

Remetendo à teoria atômica de Demócrito consideram, no sentido epistemológico, que a realidade se relaciona a um modelo problemático, não teoremático e hidráulico baseado em fluidos, um “modelo de devir e de heterogeneidade que se opõe ao estável, ao eterno, ao idêntico, ao

11 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa, v. 5, São Paulo: Editora 34, 1997, p. 14.

12 *Ibid.*, p. 16.

13 *Ibid.*, p. 18.

14 *Ibid.*, *idem*.

constante”¹⁵ no qual não há um caminho necessário em linha reta, mas, de declinação curvilínea em um sentido “turbilhonar, num espaço aberto onde as coisas-fluxo se distribuem, em vez de distribuir um espaço fechado para coisas lineares e sólidas”¹⁶.

Com essa explicação apontam a diferença entre um espaço liso e um espaço estriado. O primeiro, como o mar ou o ar, é aquele em que pode ser produzido “um movimento que tome o espaço e afete simultaneamente todos os seus pontos”¹⁷ ao contrário do segundo que, ao invés de ser tomado por movimento, vai diretamente de um ponto a outro que apenas “suporta e se apropria da perspectiva estática, submetida a um buraco negro central que lhe retira toda capacidade heurística¹⁸ e deambulatória¹⁹”²⁰.

Espaço estriado, portanto, reflexo do Estado, se opõe ao espaço liso, relacionado às sociedades primitivas que adotavam outras formas de vida e de relação antes de serem exterminadas. O espaço liso é uma noção de realidade na qual é possível a adoção e prática (experimentação) de pensamentos diversos dos presentes tidos como dados e imutáveis. É um momento-realidade dialético, de fluxos orgânicos e interconectados em constante mutação, que possibilita o exercício e surgimento de ideias inovadoras.

No espaço liso, por natureza, não se aplica a razão cartesiana e determinista presente no capitalismo tecnicista e racional surgido das Revoluções francesa, burguesa, industrial e do iluminismo: os acidentes se condicionam e se resolvem.

Neste sentido paradoxal apresentado entre Estado e formas primitivas, espaços lisos e estriados, inclui-se a revolução informacional, justamente por decorrer, ao mesmo tempo, da razão cartesiana (no aspecto técnico) e da volatilidade (no aspecto materialista). A revolução informacional abre uma franja lateral no Estado capitalista para ocupação e propagação do espaço liso, conectando novos fluxos de desejos para o surgimento de novas formas de agir.

Ao mesmo tempo que foi axiomatizada pelo Estado em algumas de suas formas, funcionalidades e decorrer da matemática (intrinsecamente cartesiana), a revolução informacional – paralelamente – pode ser considerada uma máquina de guerra ao Estado (e ao capitalismo) por ser nô-

15 Ibid., p. 19.

16 Ibid., pp. 19-20.

17 Ibid., p. 22.

18 Inventar ou descobrir.

19 Sem rumo ou desnordeado.

20 Ibid., p. 24.

made e, usando a expressão de Gilles Deleuze e Félix Guattari²¹, se desenvolver excentricamente por não ser barrada e nem inibida ou proibida.

3. Comunicação e conexão com as alternativas sistêmicas

Como ensina Martin Heidegger, é necessário “estabelecer uma relação suficientemente rica [e livre] com a essência da técnica”²². É necessário estabelecer uma relação mais prática-materialista com a tecnologia que atualmente está à disposição da humanidade. É por isso que, apesar de a revolução informacional servir, de um lado – como técnica axiomatizada e instrumento de axiomatização –, para a manutenção do *status quo* e conseqüentemente do Estado, da divisão do trabalho e da desigual distribuição de riqueza, de outro lado, na linha da teoria de Gilles Deleuze e Félix Guattari, é um fluxo descodificado que convive em simbiose com o capitalismo por viabilizar a conexão entre pensamentos alternativos, novas subjetividades e alternativas sistêmicas.

As características de interconexão, comunidades virtuais, inteligência coletiva, trocas livres, cooperação (*Commons*) e amplitude de atingimento da informação ensejam o surgimento de novos tipos de interações sociais e uma nova forma de relação social na qual se permite, além da “reengenharia dos tradicionais meios políticos”, o estímulo a maior participação do cidadão (mesmo e, sobretudo, das minorias) na política²³:

A natureza política anárquica da rede, sem território ou coerção estatal imediata, proporciona uma comunicação mais horizontal, sem mediadores na comunicação (jornalistas, parlamentares, partidos), afastando a censura e o sigilo das informações. Além disso, há a simplificação e desburocratização dos procedimentos realizados na rede, o que implica na possibilidade de alargar consideravelmente o número de participantes ativos da gestão da coisa pública. Quanto mais simples as formas de integração entre Estado e sociedade, mais a população em situação de apatia política pode se integrar ao quadro de cidadãos ativos²⁴.

Logo, apesar de todos os vieses negativos que a revolução informacional possui quando utilizada para manutenção do sistema capitalista, se

21 *Ibid.*, p. 20;

22 HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 22.

23 ROVER, Aires José. O governo eletrônico e a inclusão digital: duas faces da mesma moeda chamada democracia. In ROVER, Aires José (org). *Inclusão digital e governo eletrônico*. Zaragoza: Prensas Universitarias, 2008, p. 24.

24 *Ibid.*, pp. 24-25.

manipulada de forma sustentável e responsável, pode ser um instrumento de emancipação tanto dos cidadãos como instrumento democrático, quanto dos trabalhadores como meio de aglutinação, comunicação e informação dos mesmos.

Como instrumento democrático, pelo fato de os atores políticos conseguirem se conectar mais facilmente entre si e com os seus representantes, aprimora a própria representatividade e viabiliza uma democracia de maior intensidade. Já para os trabalhadores, pelo surgimento de novos espaços de informação, comunicação e debates, possibilita a renovação do movimento sindical para aqueles formalmente contratados e um canal de comunicação e aglutinação para os que laboram na economia informal.

Em ambas as hipóteses possibilita uma maior aproximação dos representados com as instituições representativas. Os ambientes se tornam mais convidativos para a participação dos atores envolvidos e, por consequência, para a recepção de mais, novas e divergentes opiniões e pensamentos, ensejando o debate, a reforma e refundação do pensamento democrático tradicional. Condições que viabilizam um “efetivo exercício de democracia”, conforme o pensamento de Chantal Mouffe:

Defendo que a crença na possibilidade de um consenso racional universal pôs o pensamento democrático no caminho errado. Em lugar de tentar projetar as instituições que, por meio de procedimentos supostamente “imparciais”, reconciliariam todos os interesses e valores contraditórios, a tarefa dos teóricos e políticos democráticos deve ser imaginar a criação de uma vibrante esfera pública “agonística” de contestação, na qual diferentes projetos políticos hegemônicos possam se confrontar. Essa é, do meu ponto de vista, a condição *sine qua non* de um efetivo exercício da democracia²⁵.

Percebe-se, portanto, que a revolução informacional pode servir como mecanismo de aglutinação e de debates para as minorias que meditam e/ou experimentam alternativas sistêmicas, sendo a *internet* um ponto de encontro e desenvolvimento de novas subjetividades que, aproveitando os espaços lisos que surgem no sistema capitalista, possam se desenvolver e atingir uma maior representação social e política.

Na presente contextualidade de indivíduos hiperconectados, as novas formas de comunicação surgidas em decorrência do isolamento social causado pela COVID-19 – como as *lives*, *webnars* e conversas simultâneas em áudio e vídeo de inúmeras pessoas em plataformas de reuniões virtuais – representam claras máquinas de guerra e espaços li-

25 MOUFFE, Chantal. Sobre o político. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015, p. 3.

sos de conexão coletiva e de rearranjo do sistema democrático, voltados à propagação de novas cosmovisões contrárias ao capitalismo e à democracia neoliberal.

4. Democracia neoliberal, responsabilidade e novas cosmovisões

Em decorrência do pensamento mecanicista de existência²⁶, de consciência que o homem pensa e, logo, existe, o axioma cartesiano triunfou como principal alicerce do renascimento, iluminismo e da revolução burguesa, influenciando para o nascimento do Estado Moderno após o fim da Guerra dos Trinta Anos²⁷, do capitalismo e da Era do antropoceno, com a conseqüente separação do mundo natural do mundo do homem (racional), do corpo da alma.

Para modificar estas características intrínsecas à sociedade atual e solucionar os principais dilemas da contemporaneidade como a dissociação da política da sociedade, domínio da política pelo “mercado”, aumento das disparidades sociais e de renda, além da destruição ambiental do planeta Terra, não basta a utilização de soluções sociais-democratas já axiomatizadas pelo capitalismo e que, intrinsecamente, propagam o próprio sistema, tampouco de soluções autoritárias que diminuem os axiomas.

Propostas de “solução” dos problemas globais e locais que não presuponham uma outra via sistêmica, um espaço liso propício para a experimentação ampla e independente do porvir, o fim da divisão do trabalho e uma melhor relação com o meio ambiente, não possuem condição de reverter os sentidos perversos que o mundo e a sociedade têm trilhado rumo à escassez, à própria extinção e ao domínio pelo “mercado”.

Sobre a relação entre política e o “mercado”, Boaventura de Sousa Santos escreve que a “concepção hegemônica da democracia” causa

26 Conforme Eduardo Carlos Bianca Bittar e Guilherme Assis de Almeida, a técnica define as características da própria sociedade moderna ao descrever que “Para a sociedade moderna, e, especialmente, após a Revolução Industrial, o enaltecimento da técnica e da produção econômica com indícios do desenvolvimento torna possível o enaltecimento do papel da técnica. Soluções técnicas são aplicadas a todos os campos, raciocínios técnicos são considerados bem-vindos para a solução de problemas, a reflexão vai sendo assenhoreada pelo vocabulário técnico e, nesse sentido, a romaria da confirmação técnica como o lugar próprio da definição de sociedade moderna vai se desenhando” (Curso de Filosofia do Direito. 13. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Atlas, 2018, p. 587).

27 A Paz de Westfália em 1648 é considerada o marco temporal de transição da Idade Média para a Idade Moderna (SOARES, Matheus Augusto. Uma perspectiva arqueogenealógica e ética das Relações Internacionais: os saberes, os poderes e os sujeitos que orbitam os domínios da paz. Dissertação. Mestrado em Relações Internacionais. Universidade de Brasília, Brasília, 2016, p. 79).

apatia política. Por ser liberal e de baixa intensidade²⁸, sujeita o cidadão apenas à escolha de líderes com a incumbência de tomar decisões e nada além disso²⁹.

Como consequência desta condição, a política foi dominada pelo “mercado” e se separou da sociedade e do real, transformando a democracia representativa em neoliberal e em um regime de “fascismo social” pela prevalência do capitalismo financeiro global, concentração de riquezas e degradação dos direitos econômicos e sociais:

Essa transformação ocorreu por meio de dois processos convergentes. Por um lado, a prevalência crescente do capitalismo financeiro global corroeu a soberania dos Estados a ponto de transformar Estados soberanos em presas fáceis de especuladores financeiros e de suas guardas-avançadas, as agências de notação de crédito e o FMI. A concentração de riqueza e a degradação dos direitos econômicos e sociais estão fazendo com que o círculo da reciprocidade cidadã se estreite e cada vez mais cidadãos passem a viver na dependência de grupos sociais poderosos que têm direito de veto sobre seus modos e expectativas de vida, sejam eles filantropos, narcotraficantes, latifundiários industriais, empresas de megaprojetos e de mineração. A isso chamo “fascismo social”, regime social que constitui o outro lado das democracias de baixa intensidade³⁰.

O Estado-nação passou de sua posição de soberano para uma “unidade de interação relativamente obsoleta”³¹. Desde a década de 1980, à medida que o neoliberalismo prevaleceu como versão dominante do capitalismo, houve a prevalência do setor financeiro sobre o setor político e, conseqüentemente, um estado de crise permanente³². Crises que legitimam a adoção de regimes de austeridade, maior concentração de riquezas e predomínio da economia perante a sociedade, além de irresponsabilidade dos governos em tomar medidas reais e profundas de proteção do meio ambiente.

Neste último aspecto de responsabilidade do homem com o planeta Terra, Hans Jonas aponta uma “ética do futuro”³³ na qual o homem passe a realizar que suas ações devem ser compatíveis com a “permanência de

28 É de baixa intensidade porque “limita a criar uma ilha de relações democráticas num arquipélago de despotismos (econômicos, sociais, raciais, sexuais, religiosos) que controlam efetivamente a vida dos cidadãos e das comunidades” (SANTOS, Boaventura de Sousa. A difícil democracia: reinventar as esquerdas. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 16).

29 Ibid., pp. 16-17.

30 Ibid., p. 21.

31 Ibid., p. 27.

32 SANTOS, Boaventura de Sousa. op cit, p. 6.

33 JONAS, Hans. O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC Rio, 2006, p. 72.

uma autêntica vida humana sobre a Terra³⁴. Para tanto, o homem deve assumir sua responsabilidade como espécie. Justamente por possuir condições cognitivas diferenciadas em comparação com os outros seres vivos e não-vivos, a marca mais distintiva do ser humano – sob essa ótica – é poder escolher o futuro do planeta Terra, dos seus pares e, também, dos demais tipos de vida:

A marca distintiva do Ser humano, de ser o único capaz de ter responsabilidade, significa igualmente que ele deve tê-la pelos seus semelhantes – eles próprios, potenciais sujeitos de responsabilidade –, e que realmente ele sempre a tem, de um jeito ou de outro: a faculdade para tal é a condição suficiente para a sua efetividade. Ser responsável efetivamente por alguém ou por qualquer coisa em certas circunstâncias (mesmo que não assuma e nem reconheça tal responsabilidade) é tão inseparável da existência do homem quanto o fato de que ele seja genericamente capaz de responsabilidade – da mesma maneira que lhe é inalienável a sua natureza falante, característica fundamental para a sua definição, caso deseje empreender essa duvidosa tarefa³⁵.

É necessário se preocupar com o tempo futuro frente à incerteza do uso incorreto da técnica pelo agir humano³⁶.

A responsabilidade existe porque, sendo o homem livre para realizar escolhas, os efeitos de seus atos provocam reflexos na esfera exterior dos resultados de sua ação. A livre escolha dos homens, “essa fantástica liberdade que todos adoram reivindicar, mas ninguém se pergunta qual o seu preço”, lhes impõe o pensamento sobre os resultados de suas ações³⁷. A humanidade deve abandonar o antropocentrismo e a “abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos³⁸”.

É por isso que, diante da mudança de paradigmas provocada pela modernidade e pela técnica, surge, conforme Ailton Krenak, a noção de

34 *Ibid.*, pp. 47-48.

35 *Ibid.*, pp. 175-176.

36 Para Hans Jonas deve ser adotado um novo imperativo que adapte o agir humano à sua finalidade precípua de preservar a Terra para as gerações futuras e demais seres vivos: “Um imperativo adaptado ao novo tipo do agir humano e voltado para o novo tipo de sujeito atuante deveria ser mais ou menos assim: “Aja de modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra”; ou, expresso negativamente: “Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida”; ou, simplesmente: “Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra”; ou em uso novamente positivo: “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer” (*Ibid.*, pp. 47-48).

37 KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 31.

38 *Ibid.*, p. 39.

Antropoceno. Uma nova Era na qual o homem imprime marcas pesadas no planeta Terra, no sentido de, além de exaurir as fontes de vida que “nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa”³⁹, houve a exclusão de formas locais de “organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver”⁴⁰.

A ciência moderna e as tecnologias causam um sentimento constante de desconforto⁴¹ além de medo e insegurança em uma “paranoia da queda”⁴² na qual o ser humano – apesar de descontente com sua realidade – reluta em adotar diferentes práticas de vida⁴³.

É necessário sonhar, não como a experiência de dormir e sonhar, “mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia”⁴⁴. Não se abdica da realidade, mas, exatamente na condição de espaço liso, buscam-se novas possibilidades transcendentais da condição presente, um sonho em que o homem vivencie uma experiência que abstrai sua realidade comum e atinja “outras visões da vida não limitada”⁴⁵, a qual Ailton Krenak nomeia “o que costumamos chamar de natureza”⁴⁶. Trata-se de uma prática que, quanto mais experimentada, mais possibilita o atingimento de novos pensamentos e consciências.

Conseqüentemente, há a necessidade de imaginar um outro mundo possível no sentido do “reordenamento das reações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza”⁴⁷, no qual seja adotada uma nova cosmovisão mais adequada ao biocentrismo em que haja corresponsabilidade do homem com a Terra e com a vida dos outros seres “e não só dessa abstração que nos permitirmos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres”⁴⁸.

39 KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 23.

40 *Ibid.*, p. 23.

41 KRENAK, Ailton. *op. cit.*, p. 30

42 *Ibid.*, p. 31.

43 *Ibid.*, p. 33.

44 *Ibid.*, p. 25.

45 *Ibid.*, p. 32.

46 *Ibid.*, p. 32.

47 *Ibid.*, *idem*.

48 *Ibid.*, p. 23.

É preciso coragem e uma visão aberta para novas possibilidades, sendo o presente momento propício para tanto⁴⁹ justamente porque a “ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo”⁵⁰ cai por terra pelas crises pandêmicas, desastres ambientais e colapsos financeiros constantes. Mudança de paradigma que ocorrerá pela adoção de uma nova cosmovisão em um espaço verdadeiramente liso.

5. O Bem Viver como possível alternativa sistêmica

Partindo-se do pressuposto que a revolução informacional pode se tornar uma máquina de guerra contra o capitalismo e a Era do antropoceno; que é necessária uma modificação na forma de convívio do homem com si, com os demais seres vivos e com o próprio planeta Terra; e que, para tanto, devem ser criadas novas subjetividades coletivas, retorna-se ao debate sobre os efeitos da pandemia da COVID-19 no sistema capitalista.

Retomando Slavoj Žižek e Byung-Chul Han, seja pelo fato de o vírus ter o poder de fazer surgir novas reflexões para se repensar as características da sociedade (capitalista) atual, seja pela vigilância, controle da população e possíveis novos Estados de exceção, pensa-se que quaisquer das hipóteses promovem brechas no capitalismo. Na primeira hipótese, mais otimista, medita-se que novas reflexões que não forem axiomatizadas pelo capitalismo – sobretudo pelo uso das redes virtuais – possuem o condão de se transformar em novas vias efetivas. Já na segunda conjectura, mais pessimista, de Byung-Chul Han, acredita-se que o surgimento de Estados de exceção impulsionará ainda mais o uso da tecnologia informacional pela população como meio de resistência e máquina de guerra.

Seja pelo aumento ou diminuição dos axiomas, os danos causados pela COVID-19 abrem fraturas no sistema capitalista, as quais propiciam que experimentações como o Bem Viver, o Ubuntu e demais alternativas já existentes e a surgir, se protejam da axiomatização e possam ser efetivamente aplicadas de forma particularizada e local para, posteriormente, massificada e global. Por este motivo, em uma visão dialética e essencialmente materialista, pelo Bem Viver se revelar conectado às práticas tec-

49 Relacionando a pandemia da COVID-19 com a adoção de uma diferente cosmovisão, Ailton Krenak descreve que a dor causada pelo vírus, isolamento social e interrupção das atividades comerciais pode auxiliar as pessoas a perceberem que fazem parte de uma humanidade de fato e compreenderem o “verdadeiro sentido do que é ser humano” (KRENAK, Ailton. op. cit., p. 31).

50 SANTOS, Boaventura de Sousa. op. cit., p. 6.

nológicas existentes, especialmente à tecnologia informacional e à economia solidária, considera-se que este, combinado com o uso das redes, possui um enorme potencial de ser um espaço liso que viabilize uma nova sociabilidade a ser perseguida.

Originariamente conceituado como *sumak kawsay* (na língua kichwa), *suma qumamña* (na língua aymara) e *nhandereko* (na língua guarani), foi traduzido como *vivir bien* na Bolívia, *buen vivir* no Equador e Bem Viver na língua portuguesa⁵¹. Decorre de uma “concepção contra-hegemônica de democracia”⁵², de vanguarda, que concebe o Estado como um movimento social e “autêntica refundação do Estado Moderno”⁵³. Positivado nas Constituições Federais do Equador e da Bolívia, o Bem Viver é uma proposta de transformação civilizatória. Sua origem nos países andinos e amazônicos no contexto cultural dos povos indígenas que ali habitam remete aos povos primitivos estudados por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O Bem Viver, para Alberto Acosta, experimenta um pensamento alternativo ao desenvolvimentismo capitalista, propondo uma teoria social holística, verdadeira cosmovisão que, alicerçada na construção coletiva e democrática de uma sociedade biocêntrica, persegue a integração dos seres humanos consigo e destes com o meio ambiente e demais seres vivos:

Os indígenas não são pré-modernos nem atrasados. Seus valores, experiências e práticas sintetizam uma civilização viva, que demonstrou capacidade para enfrentar a Modernidade colonial. Com suas propostas, imaginam um futuro distinto que já alimenta os debates globais. O Bem Viver faz um primeiro esforço para compilar os principais conceitos, algumas experiências e, sobretudo, determinadas práticas existentes nos Andes e na Amazônia, assim como em outros lugares do planeta⁵⁴.

Na onda das novas epistemologias do Sul global, possui orientação política e social contrária ao pensamento europeu-ocidental, sobretudo porque suas origens milenares advêm de povos latino-americanos que muito antes do extermínio e colonização europeia já possuíam meios de

51 Conforme Alberto Acosta, “As mobilizações e rebeliões populares – especialmente – a partir dos mundos indígenas equatoriano e boliviano, caldeirões de longos processos históricos, culturais e sociais – formam a base do que conhecemos como Buen Vivir, no Equador, ou Vivir Bien, na Bolívia. Nestes países amazônicos, propostas revolucionárias ganharam força política e se moldaram em suas constituições [...]”. ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda, São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016, p. 23.

52 SANTOS, Boaventura de Sousa. op. cit., p. 18.

53 Ibid., p. 20.

54 Ibid., p. 24.

vida em conciliação, de práticas de reciprocidade, solidariedade, coletividade e, especialmente, em objetivos plurinacionais e interculturais:

Todos los pueblos en su cosmovisión contemplan aspectos comunes sobre el Vivir Bien que podemos sintetizar en: Vivir bien es la vida en plenitud. Saber vivir en armonía y equilibrio; en armonía con los ciclos de la Madre Tierra, del cosmos, de la vida y de la historia, y en equilibrio con toda forma de existencia en permanente respeto⁵⁵.

Problematiza a noção desenvolvimentista antropocêntrica ocidental e capitalista. Para o Bem Viver, desconstruindo a noção de homem “civilizado” e “selvagem”, o desenvolvimento não decorre da posição econômica individual ou coletiva ou até mesmo da evolução tecnológica de determinada sociedade. O próprio uso da expressão “desenvolvimento” contraria sua cosmovisão de movimento e mudanças constantes no contexto de um espaço liso⁵⁶. É por isso que, no aspecto prático, o Bem Viver é materialista e dialético: enfatiza o local e o regional no princípio para, posteriormente, atingir o global.

Em um juízo de permanente construção, livre e aberta para formulações alternativas, não é uma utopia ou algo apenas do mundo das ideias. É prático porque já existe em coexistência com o Estado Moderno e com o capitalismo, sendo que apenas necessita conseguir apanhar mais brechas no sistema capitalista para, sem ser axiomatizado, fazer surgir uma nova via de sociabilidade.

Como plataforma para consensos e experimentações biocêntricas sua cosmovisão já foi exercida em diversos projetos.

Na comunidade quíchua amazônica *Sarayaku*, no Equador, é aplicado como forma de melhoria da relação da sociedade com o ecossistema por meio do controle agrícola, soberania alimentar e divisão equitativa de funções sociais, do trabalho coletivo e comunitário entre todos os membros. A comunidade até mesmo venceu ação movida junto à Corte Interamericana de Direitos Humanos contra o Estado do Equador para impedir a exploração petrolífera em seu território⁵⁷.

55 MAMANI, Fernando Huanacuni. Buen Vivir/Vivir Bien, Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Lima: Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas, 2010, p. 32.

56 *Ibid.*, p. 24.

57 CORTE INTERAMERICANA DE DEREITOS HUMANOS. Caso Povo Indígena Kichwa de Sarayaku versus Equador. Mérito e Reparações. Sentença de 27 de junho de 2012. Série C No. 245. São Paulo, 2020. Disponível em <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2016/04/dd8acea6c7256808b84889d6499e6aaa.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

O Plano Nacional de Desenvolvimento da Bolívia de 2006 a 2011 introduziu o Bem Viver na agenda política do país⁵⁸. Foi expressamente positivado na Constituição Política desse país em 2009⁵⁹.

No Equador, a Iniciativa *Yasuní-ITT*, no ano de 2007, não fosse a contraditória política econômica de Rafael Correa, teria se transformado em um dos principais projetos de não exploração petrolífera em proteção da floresta amazônica e das terras indígenas em troca de recursos globais⁶⁰. Igualmente, houve a inclusão do conceito e princípios do Bem Viver na Constituição Política do Equador em 2008⁶¹.

Já como modelo econômico-social, observa-se a presença do Bem Viver na economia solidária. O Bem Viver e a economia solidária são intrinsecamente relacionados por serem alternativas ao sistema capitalista de produção, consumo e distribuição-acumulação⁶², além de propiciarem a emancipação dos trabalhadores e o consumo local e mais inteligente⁶³. A economia solidária é uma forma de consecução prática do Bem Viver no sentido de ambos promoverem igualdade, democracia, solidariedade, cooperação, liberdade, valorização das potencialidades das pessoas e inteligência no consumo:

A economia solidária é um projeto concreto construído para o Bem Viver, no qual os mercados são justos, a economia é democrática, as potencialidades das pessoas são valorizadas e, sobretudo, a liberdade prevalece. É basear a atividade econômica de produção, serviços, comercialização, finanças e consumo na democracia e na cooperação. É consumir produtos locais e saudáveis que não afetem o meio ambiente, não sejam transgênicos nem beneficiem grandes

58 BOLÍVIA. Decreto Supremo n. 29272 de 12 set. 2007. Tiene por objeto aprobar el Plan General de Desarrollo Económico y Social de la República: "Plan Nacional de Desarrollo: Bolivia Digna, Soberana, Productiva y Democrática para Vivir Bien – Lineamientos Estratégicos", con la finalidad de orientar y coordinar el desarrollo del país en los procesos de planificación sectorial, territorial e institucional. São Paulo, 2020. Disponível em <http://www.planificacion.gob.bo/uploads/marco-legal/29272_ds.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.

59 BOLÍVIA. Constitución Política del Estado de 07 fev. 2009. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.planificacion.gob.bo/uploads/marco-legal/nueva_constitucion_politica_del_estado.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.

60 MILANEZ, Bruno; PEREIRA DOS SANTOS, Rodrigo Salles. A Iniciativa Yasuní-ITT: uma análise a partir do Modelo de Fluxos Múltiplos. *Revista Sociologia Política*, v. 24, n. 59, p. 39-65, set. 2016, passim.

61 EQUADOR. Constitución de la República del Ecuador de 20 out. 2009. São Paulo, 2020. Disponível em <<https://www.asambleanacional.gob.ec/sites/default/files/private/asambleanacional/filesasambleanacionalnameuid-29/constitucion-republica-inc-sent-cc.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

62 MANCE, Euclides. Boas práticas em economia solidária no Brasil. Centro de Estudos e Assessoria, Brasília: CEA; FBES, 2016, p. 17.

63 CASTRO, Diego Palma de; DA SILVA, Isabel Janay Hinça. O mundo do trabalho, economia solidária e a prática do bem-viver no século XXI. Artigo publicado no VI Simpósio Internacional Trabalho, Relações de Trabalho, Educação e Identidade, 2016.

empresas. É trabalhar coletivamente de forma autogestionária, com todos os integrantes do empreendimento sendo trabalhadores e donos. É um movimento social que luta pela mudança da sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento que não seja baseada nas grandes empresas, e sim construída pela população tomando por base valores como solidariedade, democracia, cooperação, preservação ambiental e direitos humanos⁶⁴.

Percebe-se que mais do que uma simples ideia o Bem Viver é um sistema em permanente construção e de efetiva aplicação que pode servir como modelo global⁶⁵. Pelo fato de o capitalismo não possuir futuro em face das constantes crises e tragédias às quais conduz a sociedade⁶⁶, abrem-se oportunidades para práticas de outros tipos de relações⁶⁷. Não é provável que o capitalismo seja extinto total e definitivamente de um momento para o outro, mas, conforme a experimentação deleuziana e guattariense, que coexista com outros modelos, inclusive econômicos, de produção e consumo (como a economia solidária/Bem Viver) e, aos poucos, fique desacreditado e sucumba diante das novas propostas.

Justamente por ser um modelo em construção, o Bem Viver pode se aproveitar da revolução informacional e, inserindo-se no espaço liso aberto no sistema capitalista pela COVID-19, real e efetivamente, se transformar em uma alternativa sistêmica ao capitalismo e à Era do Antropoceno.

Considerações finais

Ao abordar o pensamento filosófico atual sobre o futuro pós-COVID-19, constatam-se dois posicionamentos extremos, de Slavoj Žižek (otimista no sentido de que surgirão novas formas de cooperação e solidariedade) e de Byung-Chul Han (pessimista, considerando que haverá um excesso de controle e Estados mais extremos).

Da proposição de ambos, apesar de opostas, verifica-se uma constante: o mundo será distinto pós-pandemia. E mais, seja pelas novas reflexões e solidarismo, seja pelo endurecimento do controle estatal, em razão da intensificação da conectividade virtual (aumento da hiperconexão também causada pelo vírus pelo uso de *lives*, *webnars* e plataforma

64 LIMA, Claudia. Boas práticas em economia solidária no Brasil. Centro de Estudos e Assessoria, Brasília: CEA; FBES, 2016, p. 8.

65 MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34: 2008, p. 319.

66 SANTOS, Boaventura de Sousa. op. cit., p. 25.

67 Ibid., p. 24.

mas de reuniões virtuais), a população poderá fazer uso destas novas tecnologias da informação e de suas características de rede e de ambiente democrático de debates para melhor se conectar, melhor se organizar e ser mais bem representados para vindicar novas (suas próprias) formas de pensamento. Não o seu simples uso como técnica e apenas mais um meio de comunicação, mas sua utilização como máquina de guerra contra a axiomatização capitalista.

Conforme a teoria de Gilles Deleuze e Félix Guattari, o sistema capitalista axiomatiza todo o código de fluxos que for distinto dos seus. À medida que surgem novas ideias ou reivindicações, o capitalismo ou as aniquila de pronto ou as inclui em si mesmo em um constante movimento de adequação e superação de crises. Para que os fluxos descodificados de desejos não sejam fagocitados é necessário que estes se desenvolvam em um espaço liso, qual seja, o espaço surgido pelas rupturas sistêmicas causadas pela COVID-19 concomitante com as descritas novas formas de hiperconexão.

No espaço criado pela comunicação em rede há um campo aberto e de interação que, em um verdadeiro movimento dialético, possibilita a prática e experimentação de novas cosmovisões, primeiramente em um contexto local e regional e, posteriormente, massificado e global. Justamente em razão desta mudança que está por vir e pela necessária modificação da relação do ser humano com seus pares, demais seres vivos e com o planeta Terra, passa a existir o espaço liso para o aparecimento de alternativas sistêmicas, como o Bem Viver.

A dominação da política pelo capitalismo financeiro global e pelo neoliberalismo aliada à falta de ética e de responsabilidade do homem com o futuro do planeta Terra são características da atual Era do Antropoceno, na qual a divisão do trabalho, desigual repartição de renda e péssima relação com o meio ambiente imprimem efeitos perversos e irreversíveis. É nesse contexto que o Bem Viver, em razão de seu materialismo dialético observável em vários projetos, nas Constituições da Bolívia e do Equador e, especialmente na economia solidária, surge como possível experimentação, de uma nova cosmovisão hábil a propiciar a emancipação dos trabalhadores, igualdade, democracia, solidariedade, cooperação, liberdade, valorização das potencialidades das pessoas individualmente consideradas, além de maior inteligência no consumo e na produção.

Não se busca, evidentemente, a extinção imediata e instantânea do sistema capitalista. A proposta ofertada é que as brechas abertas no capitalismo pela pandemia da COVID-19 – tanto pela crise sistêmica quanto pelas novas formas de comunicação – sejam abraçadas pelos atores so-

ciais e utilizadas como verdadeiro espaço liso para difusão de novas ideias e formas de relações e vivências biocêntricas.

É neste sentido de promover a criação de pontes para a prática de novas experimentações da realidade que o presente estudo espera contribuir com o movimento dialético das interpretações sobre o sistema capitalista e sua relação com a COVID-19.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda, São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BECK, Ulrich. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2001.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca; ALMEIDA, Guilherme Assis de. Curso de Filosofia do Direito. 13. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Atlas, 2018.

BOLÍVIA. Constitución Política del Estado de 07 fev. 2009. São Paulo, 2020. Disponível em <http://www.planificacion.gob.bo/uploads/marco-legal/nueva_constitucion_politica_del_estado.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.

_____. Decreto Supremo n. 29272 de 12 set. 2007. Tiene por objeto aprobar el Plan General de Desarrollo Económico y Social de la República: “Plan Nacional de Desarrollo: Bolivia Digna, Soberana, Productiva y Democrática para Vivir Bien – Lineamientos Estratégicos”, con la finalidad de orientar y coordinar el desarrollo del país en los procesos de planificación sectorial, territorial e institucional. São Paulo, 2020. Disponível em <http://www.planificacion.gob.bo/uploads/marco-legal/29272_ds.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CASTRO, Diego Palma de; DA SILVA, Isabel Janay Hinça. O mundo do trabalho, economia solidaria e a prática do bem-viver no século XXI. Artigo publicado no VI Simpósio Internacional Trabalho, Relações de Trabalho, Educação e Identidade, 2016.

CHOMSKY, Noam. Chomsky e a viabilidade da espécie humana. Entrevista. Dossier Sul, 2020. São Paulo, 2020. Disponível em <<http://dossiersul.com.br/chomsky-e-a-viabilidade-da-especie-humana>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

CORTE INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS. Caso Povo Indígena Kichwa de Sarayaku versus Ecuador. Mérito e Reparaciones. Sentença de 27 de junho de 2012. Série C No. 245. São Paulo, 2020. Disponível em <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2016/04/dd8acea6c7256808b84889d6499e6aaa.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa, v. 5, São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. O anti-édipo. Capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carilho. 403 ed. Lisboa: 2004.

EQUADOR. Constitución de la República del Ecuador de 20 out. 2009. São Paulo, 2020. Disponível em <<https://www.asambleanacional.gob.ec/sites/default/files/private/asambleanacional/filesasambleanacionalnameuid-29/constitucion-republica-inc-sent-cc.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

GUÉRON, Rodrigo. A axiomática capitalista segundo Deleuze e Guattari. De Marx a Nietzsche, de Nietzsche a Marx. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 29, n. 46, p. 257-282, jan.-abr., 2017.

HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han. El País, 2020. São Paulo, 2020. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

JONAS, Hans. O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC Rio, 2006.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Claudia. Boas práticas em economia solidária no Brasil. Centro de Estudos e Assessoria, Brasília: CEA; FBES, 2016.

LIPOVETSKY, Gilles; SEROOY, Jean. A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MAMANI, Fernando Huanacuni. Buen Vivir/Vivir Bien, Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Lima: Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas, 2010.

MANCE, Euclides. Boas práticas em economia solidária no Brasil. Centro de Estudos e Assessoria, Brasília: CEA; FBES, 2016.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34: 2008.

MILANEZ, Bruno; PEREIRA DOS SANTOS, Rodrigo Salles. A Iniciativa Yasuní-ITT: uma análise a partir do Modelo de Fluxos Múltiplos. Revista Sociologia Política, v. 24, n. 59, p. 39-65, set. 2016.

MOUFFE, Chantal. Sobre o político. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

ROVER, Aires José. O governo eletrônico e a inclusão digital: duas faces da mesma moeda chamada democracia. In ROVER, Aires José (org). Inclusão digital e governo eletrônico. Zaragoza: Prensas Universitarias, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Almedina, 2020.

_____. A difícil democracia: reinventar as esquerdas. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento única à consciência universal. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SOARES, Matheus Augusto. Uma perspectiva arqueogenealógica e ética das Relações Internacionais: os saberes, os poderes e os sujeitos que orbitam os domínios da paz. Dissertação. Mestrado em Relações Internacionais. Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

ŽIŽEK, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do viral. Tradução de Artur Renzo. Suplemento Pernambuco, 2020. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://suplemento-pernambuco.com.br/artigos/2442-slavoj-%C5%BEi%C5%BEek-bem-vindo-ao-deserto-do-viral-2.html>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

Dados do autor: Wallace Antonio Dias Silva. Advogado. Especialista em Direito do Trabalho (PUC-SP); Mestrando em Direito do Trabalho sob a condição de bolsista CAPES (PUC-SP).

Artigos completos publicados em periódicos:

DIAS SILVA, Wallace Antonio. Instrumentos jurídicos de proteção contra os efeitos nocivos das ondas eletromagnéticas: princípio da precaução e teoria dos distúrbios anormais na vizinhança. *Revista Juris UniToledo*, v. 04, p. 181-200, 2019.

DIAS SILVA, Wallace Antonio. Reinterpretação do cooperativismo de plataforma sob a ótica do Bem Viver. *Anais II Congresso de Filosofia do Direito para o Mundo Latino [Recurso eletrônico on-line]*, organização Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, v. 1, p. 632-648, 2019.

DIAS SILVA, Wallace Antonio. Entregadores de aplicativos estão em um limbo do Direito do Trabalho? *Justificando*, v. 1, p. 1-4, 2019.

DIAS SILVA, Wallace Antonio. Os poderes selvagens na Itália e sua ascensão no Brasil: novos fascismos. *Justificando*, v. 1, p. 1-4, 2018.

DIAS SILVA, Wallace Antonio; ROMAR, Carla Teresa Martins. Reinterpretação do interesse-utilidade e interesse-adequação das ações coletivas trabalhistas sob a ótica da pós-modernidade. *Acesso à justiça II [Recurso eletrônico on-line]*, organização CONPEDI/ UNISINOS, v. 1, p. 187-207, 2018.

DIAS SILVA, Wallace Antonio. Aplicação do princípio da precaução nas relações de trabalho: necessária reinterpretação da responsabilidade civil do empregador diante dos possíveis danos causados pelas ondas eletromagnéticas. *Revista de direito do trabalho (São Paulo)*, v. 197, p. 299, 2018.

DIAS SILVA, Wallace Antonio. Parcelamento do crédito trabalhista pelo executado? Diálogo entre a efetiva tutela jurisdicional e a execução de forma menos gravosa. *Revista de direito do trabalho (São Paulo)*, v. 176, p. 43-53, 2017.

DIAS SILVA, Wallace Antonio. O registro sindical de Cooperativas de Trabalho - Necessária evolução conceitual. *Revista de direito do trabalho (São Paulo)*, v. 164, p. 113-125, 2015.

DIAS SILVA, Wallace Antonio. O sentido da universidade: ética, egoísmo e função social. Cadernos PUC (PUCSP), v. 782, p. 07-07, 2011.

DA SILVA SOARES, Fagno; DE OLIVEIRA MASSONI, Túlio; DIAS SILVA, Wallace Antonio. Trabalho análogo ao de escravo no Brasil contemporâneo: à guisa dos estudos históricos e jurídicos e suas disputas conceituais. Fronteiras & Debates, v. 3, p. 67-98, 2017.



Wallace Antonio Dias Silva é advogado e pesquisador acadêmico. Especialista e Mestre em Direito do Trabalho (PUC-SP).

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacobá Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos* – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À meia luz: emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evi-lázio Teixeira
- N. 51 *Violenças: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desemprego na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke

- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campepinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Biótica* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: Iêdo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mariângela Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT, jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminoti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascuo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexões na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borja da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pomalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois" – Claudia Wasseman*
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapá-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsetto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéles Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Torgo Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelson Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Humet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fountoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakzi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Kamy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zaremski Braga
- N. 271 *O que caminhar insano sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acacium Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atílio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Angela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira* – Mari-linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Röber Iturriet Ávila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 *O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî* – Faustino Teixeira
- N. 295 *Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um institucionalismo que não é para valer* – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 *O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade* – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 *Escatologias tecnológicas contemporâneas* – Ednei Genaro
- N. 298 *Narrativa de uma Travessia* – Faustino Teixeira



UNISINOS